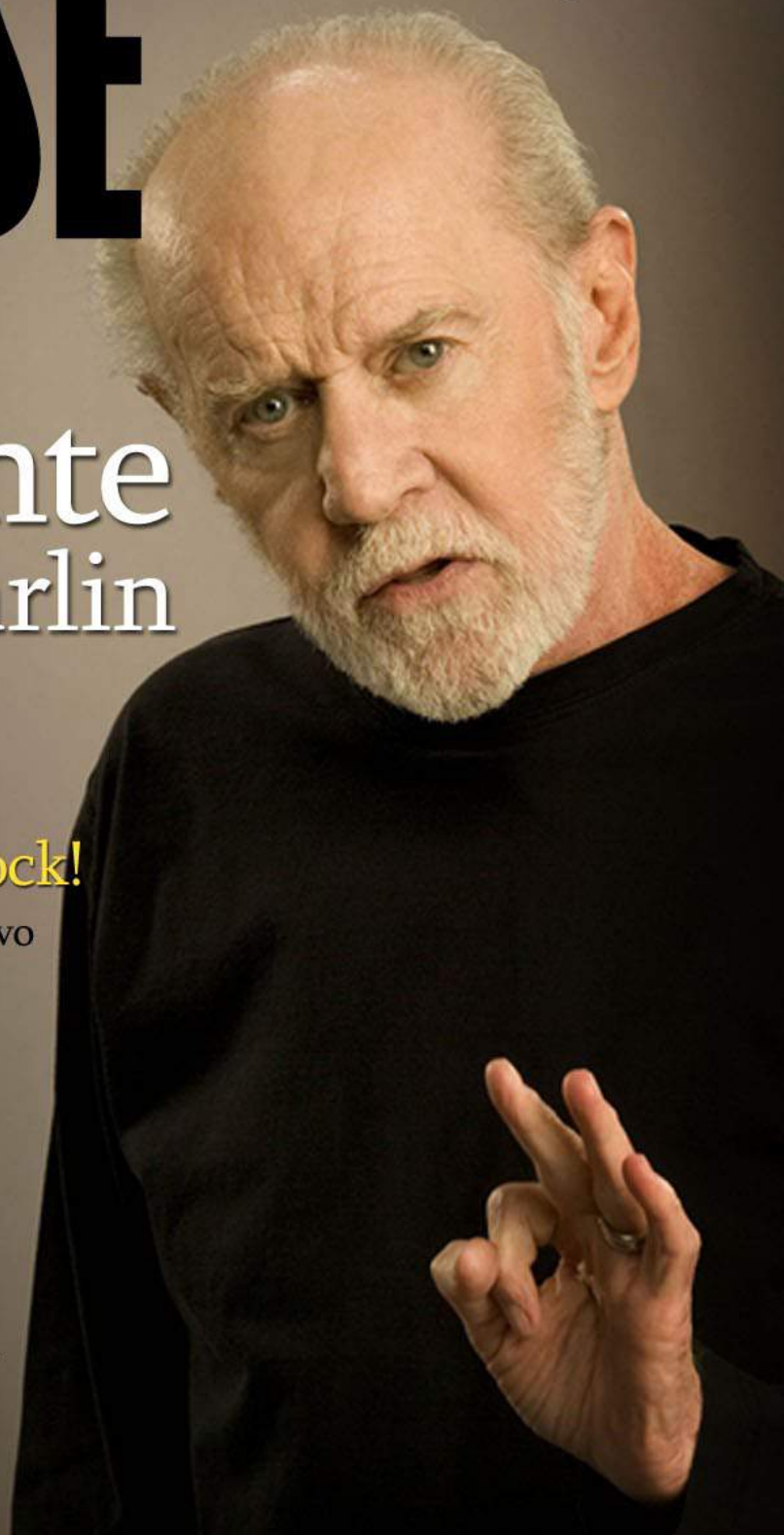
CRASE

#1
Agosto - 2010



O Gigante George Carlin

A transparência de um gênio irreverente

A Alternativa é Rock!

Panorama do rock alternativo no Rio de Janeiro

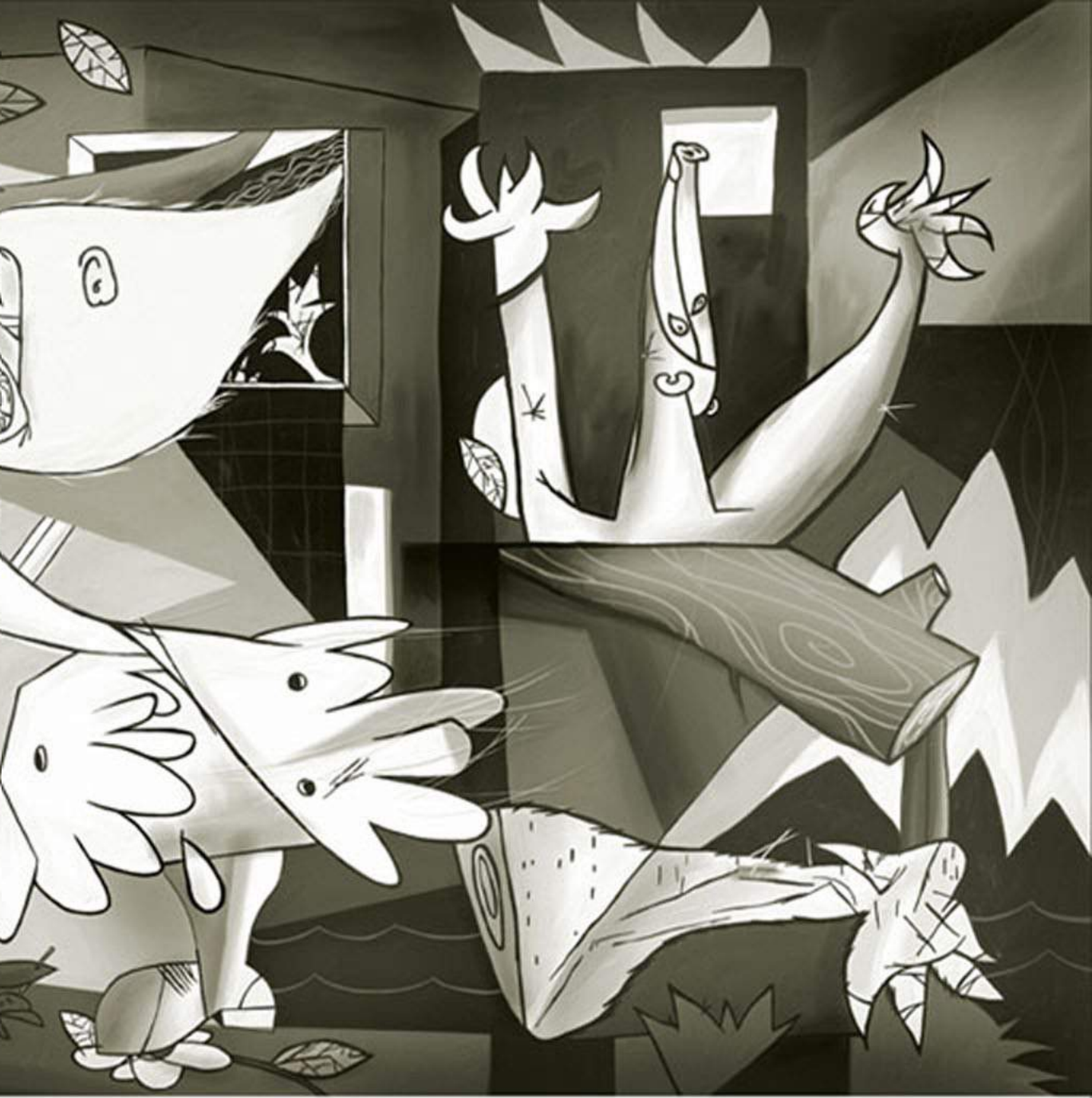
Geração Beat

O "Estar" Em Movimento

A Vida em 3D

Após mais de 50 anos a velha novidade está de volta

SALVAR O PLANETA.
É AGORA OU AGORA.



Mudam os personagens, não muda a tragédia. Junte-se. GREENPEACE www.greenpeace.org.br

Índice

p08. **EDITORIAL**

p10. O ESTAR EM MOVIMENTO

A agonia de toda uma geração narrada

p16. *O Gigante da Contracultura*

Vida, obra e ideologia do titã da comédia George Carlin

p22. **CRASE ENTREVISTA:** Kelly Carlin

Uma conversa íntima sobre George com a herdeira de Carlin

p26. Alternativa é Rock!
Panorama do rock alternativo no Rio

p31. Falar Sobre Política
A política de muitos poderes e poucos deveres

p34. A VIDA EM 3D
O sonho da (ir)realidade 3D

p38. Agenda Cultural

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza e Rafael Farah

Diretor de Criação: Dans Souza

Diretor de Redação: Rafael Farah

REVISTA CRASE

Redatores: Rafael Farah, Dans Souza, Cadu Senra, Gui Liaga, Emílio Farah

Colunistas: Dans Souza, Rafael Farah

Revisores: Carlos Eduardo Senra, Gui Liaga

ARTE

Diretor de Arte: Dans Souza

Diagramador: Dans Souza

FOTOGRAFIA

Editor-Assistente: Diego Val

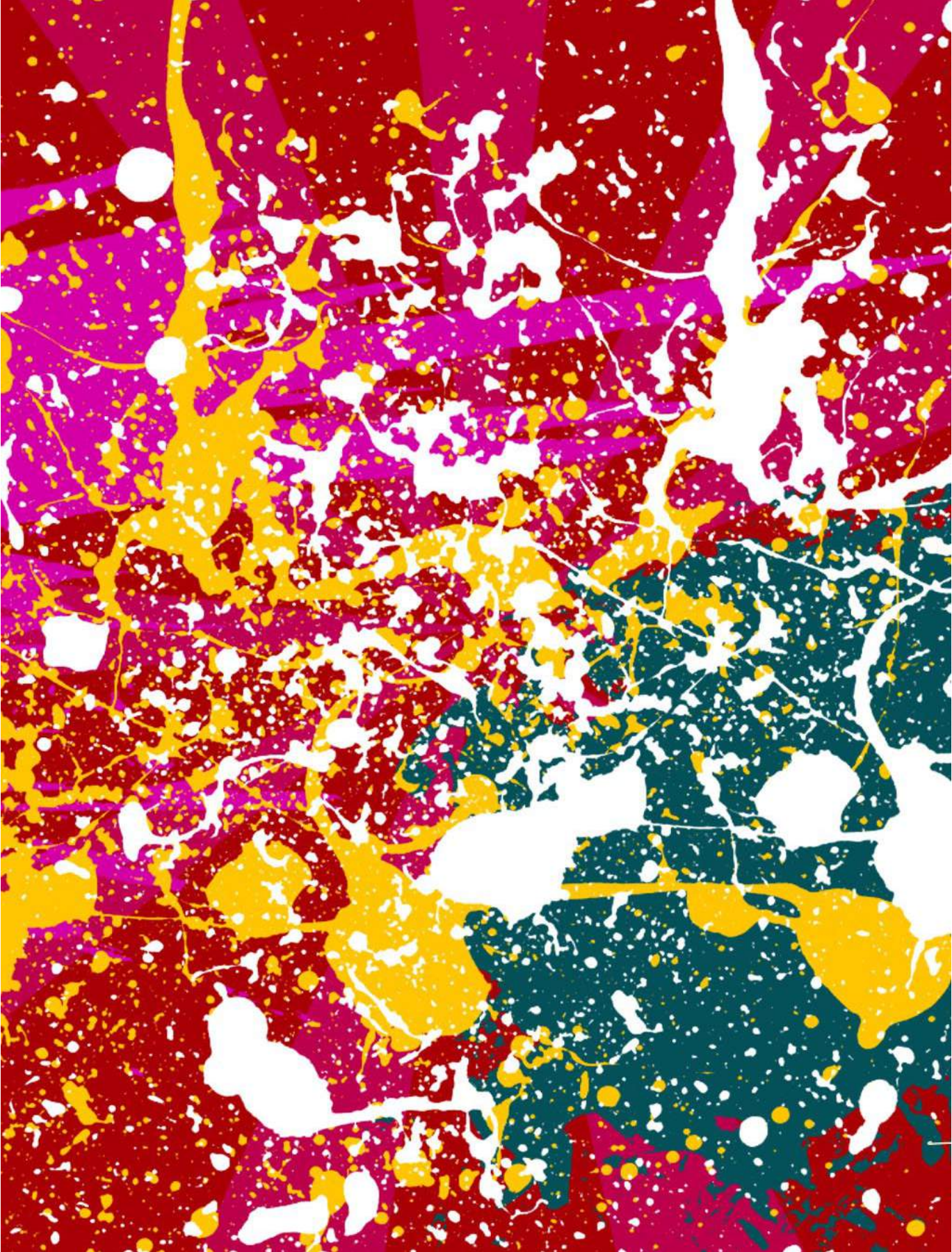
INTERNET

Desenvolvedores: Dans Souza, Makerz

Blog: Gui Liaga, Rafael Farah

Rede Sociais: Gui Liaga

contato@revistacrase.com.br



Editorial

Na década de 1960, um movimento importantíssimo para gerações futuras teve seu auge. Consistia em uma mobilização e contestação social, jovens com um pensamento libertário se chocavam contra uma sociedade conservadora, lutando por uma mudança no comportamento e nos valores da sociedade. A essência do movimento da contracultura é apresentada pela revista CRASE em sua primeira edição como uma necessidade fundamental para a alteração de mentes conformadas ou abitoladas na sociedade.

Desde a chegada da internet ao nosso cotidiano, a facilidade com que obtemos informações vem aumentando e, em conseqüência, nossa necessidade por tais informações e a rapidez com que as obtemos. Entretanto, muitas vezes trocamos qualidade por urgência, transparência por influência ou realização por dinheiro, ignorando o verdadeiro significado da palavra informar. Queremos preencher o vácuo cultural promovido por essa veiculação superficial de informações. Em um site dinâmico, rápido, fácil de manusear e, claro, gratuito, disponibilizamos informações de uma forma diferenciada e clara - com matérias limpas, verdadeiras e intocadas pelos poderes superiores de conveniência.

Temos centenas de veículos capacitados a nos informar, mas poucos são os que se direcionam a um público mais jovem. Os "jovens adultos", a espinha dorsal da sociedade, os futuros governantes e pensadores, aqueles que em alguns anos estarão formando ideias necessitam de um veículo que os entenda e que possam se relacionar.

Nosso sonho é ver uma sociedade onde o pensamento livre é valorizado e as suas diretrizes não são limitadas à direita ou esquerda. Vemos diariamente um vórtice de ideias mal aproveitadas, prontas para serem analisadas, misturadas, recicladas, mas que flutuam sem direção, desaparecendo no meio desse caos social em que vivemos.

Rafael Farah

Jack Kerouac

O Estar Em *Movimento*

A agonia de toda uma geração narrada.

por Gui Liaga

Há quem diga que Jack Kerouac foi responsável pelo início de uma grande revolução cultural da contemporaneidade. Há quem afirme mais: sua obra On The Road (Pé na estrada) pode ser considerada o guia de importantes movimentos de vanguarda - que vão do pop ao punk. Mas o que traz de tão inédito e divergente neste livro? Lançado há mais de meio século, o enredo leva ao mundo o lado sombrio do sonho americano, traz à tona o que muitos jovens dos anos 50 pensavam, mas não diziam em voz alta. A maneira ideal de viver com a política do bem estar social alimentando a nova classe média, não era o que eles queriam – ou melhor, não era o que eles deveriam querer.

Cansado de se sentir preso ao marasmo instalado no boom do consumismo, Kerouac precisava se movimentar. Pelo menos é esse o sentimento que Sal Paradise, seu personagem alter ego, exala durante a narração da trama. A história da viagem de dois amigos - o autor se inspirou em Neil Cassady (outro gênio do movimento beat) para compor Dean Moriarty - atravessando os Estados Unidos através da Rota 66 inaugurou não só um novo estilo literário, mas também conseguiu nomear aquele sentimento de vazio que é comum na juventude: o tédio.

A maioria dos adolescentes adere ao que podemos chamar de "máscara da sociedade perfeita". À medida que vão crescendo, os jovens passam pelas etapas escola - faculdade - emprego - casamento - filhos. É uma característica enraizada na sociedade ocidental, que padroniza o pensamento e estilo de vida de uma forma geral. Mas

com o início da geração dos beatniks, poder contestar e dar outros rumos à vida pareceu ser possível. E foi o que fez Kerouac. Ele foi atrás de algo a mais e sofreu por isso. Sofreu com o desprezo de inúmeras editoras (foram sete anos de rejeição até ser publicado) e sofreu com a aceitação do público - não acostumado com aquela nova realidade -, mas surpreendentemente houve uma forte identificação com os jovens da época (e isso acontece até hoje).

O ponto de interesse dessa literatura é o intenso combate à atonia presente na narração, onde é possível sentir o turbilhão de pensamentos do protagonista, ou até mais, do próprio autor. Aquela sensação de que você está parado, mas sabe que precisa se movimentar - talvez sem motivo aparente ou sem pressão real, mas aquele sentimento agonizante está ali, nas linhas. E é por isso que até hoje On The Road mexe com os novos leitores, fazendo-os repensarem e refletirem o caminho trilhado em suas vidas.

Jack Kerouac tinha pressa, no meio de toda aquela novidade, daquela busca. Não é à toa que o seu fôlego narrativo alucinante impressionou seus editores. A sua obra principal foi escrita em apenas três semanas. Criado em uma máquina de escrever, Kerouac usava folhas de papel manteiga coladas com fita isolante para não ter que trocar de folha. Ele não podia parar e se arriscar a perder a inspiração. O material bruto deu trabalho à editora Viking Press, foi necessário cortar diversas páginas, colocar a pontuação correta e criar parágrafos. Kerouac tinha um estilo próprio, uma avalanche de palavras.

Antes mesmo do diretor de cinema Walter Salles colocar seus planos de produção em prática, a pauta inaugural de literatura na Crase já tinha sido escolhida. Contudo, o projeto de Salles só intensifica

Jack Kerouac (1922 – 1969)

Era de origem franco-canadense, nasceu em Massachusetts (EUA) e estudou em colégio jesuíta. Perdeu um irmão quando era criança, fato que marcou alguns de seus trabalhos, entrou para a universidade através de uma bolsa de esportes e serviu a marinha mercante. Durante a sua juventude era tachado de delinquente e, entre poesias, livros e textos, publicou mais 50 obras.

Rota 66: cruza os EUA na direção leste-oeste, com descidas frequentes ao México. Saíram de Nova York e cruzaram o país em direção a São Francisco.

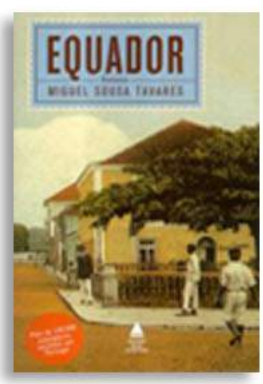
a importância de On The Road e traz à tona discussões e opiniões sobre Kerouac e suas obras. Além de por em evidência todo o universo de movimentos culturais, sejam eles antigos ou novos.

Kerouac é a representação viva de artistas que reproduzem toda uma geração. Mesmo 50 anos depois da publicação oficial, On The Road ainda pode despertar o desejo de se movimentar, de se sentir vivo e de buscar a chave para silenciar aquela voz que não se cala durante a nossa juventude. Para isso, é importante perceber que não é preciso cair na estrada, literalmente, existem outros meios de aquietar esse espírito e dar voz aos que não se cala durante a nossa juventude. Para isso, é importante perceber que não é preciso cair na estrada, literalmente, existem outros meios de aquietar esse espírito e dar voz aos sentimentos. Podemos protestar, reivindicar ou, pelo menos, discutir o assunto. Somos todos beatniks, de uma forma ou de outra, nossos corações batem (beat) e seremos sempre andarilhos em busca de respostas.

CRASE
RECOMENDA

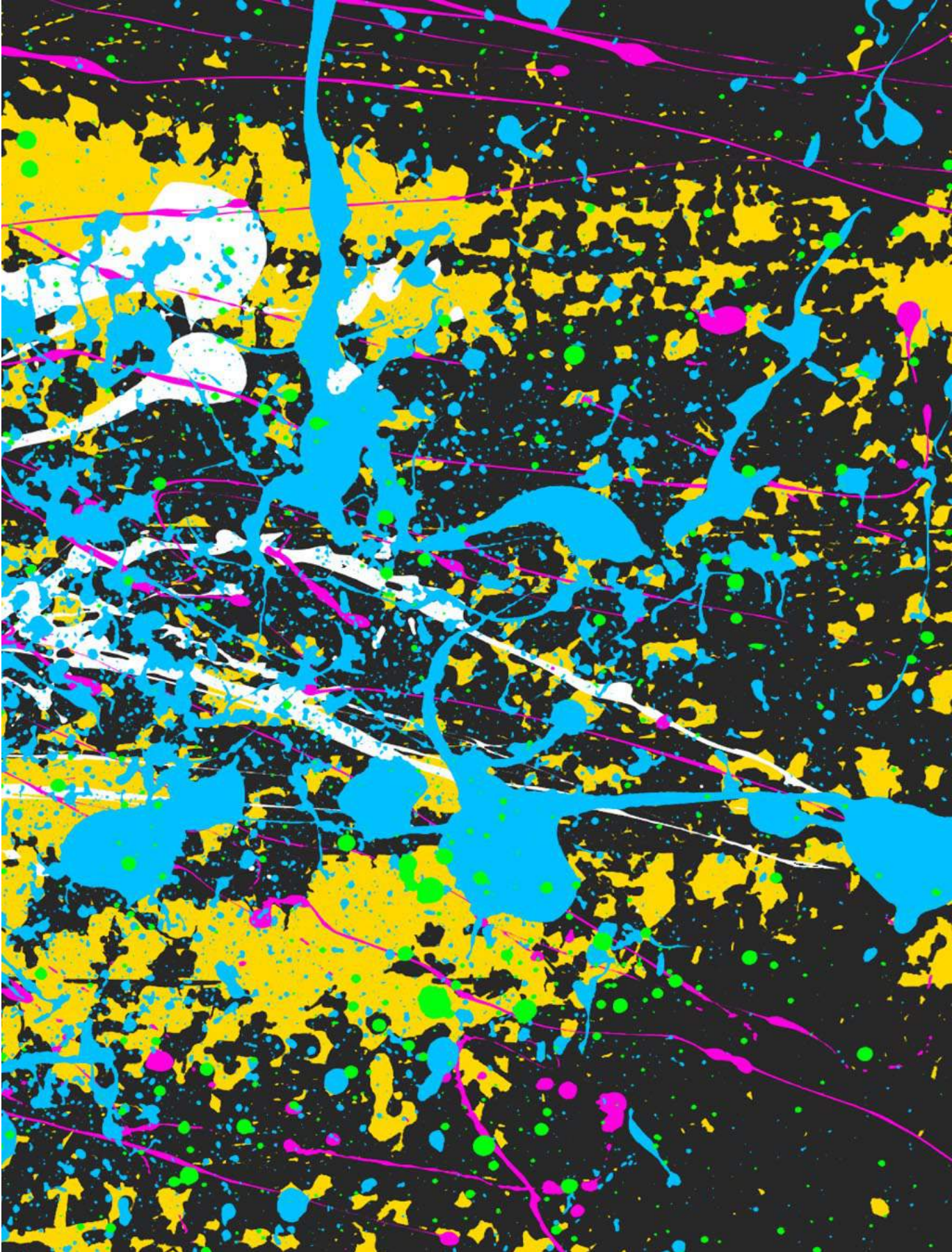
Livro: **A sombra do vento**
Autor: Carlos Ruiz Zafón
Editora: Suma de Letras (2001)

Ambientado na Barcelona franquista da primeira metade do século XX, a história de Daniel Sempere, filho de um dono de sebo que encontra um raro romance num lugar misterioso: o Cemitério de Livros Esquecidos, é contada com simplicidade. Enquanto vai crescendo, o protagonista decide pesquisar mais sobre o autor que escreveu o tão fascinante livro e acaba descobrindo que as raras informações que existem o levam a um grande enigma, envolvendo assassinatos e ameaças. Alguém vem queimando todos os exemplares da obra de Julián Caráx, querendo apagar qualquer registro de sua existência. Com personagens bem estruturadas, o autor usa mão de ironias e diálogos bem elaborados para traçar perfis realistas ao enredo.

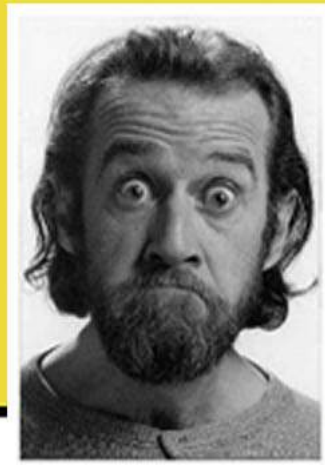


Livro: **Equador**
Autor: Miguel Souza Tavares
Editora: Nova Fronteira (2003)

O primeiro romance do jornalista português traz uma ótima narrativa sobre questões políticas e diplomáticas entre Portugal, suas colônias e a Inglaterra. No início do século XX, o boêmio Luís Bernardo deixará sua querida Lisboa a pedido do Rei D. Carlos para ser Governador de duas ilhas localizadas na costa ocidental da África e cruzadas pela linha do Equador. Tendo que lidar com o cônsul inglês David Lloyd Jameson, enviado pela Inglaterra para fiscalizar os portugueses a respeito das leis sobre escravidão, descobrirá seu verdadeiro. Bem estruturado em três atos, a obra explicita o abismo que há entre os nossos ideais e a realidade que muitas vezes temos que enfrentar. O livro foi escrito na forma da Língua Portuguesa antiga, o que pode irritar alguns leitores.



1960



1970

O Gigante da Contracultura

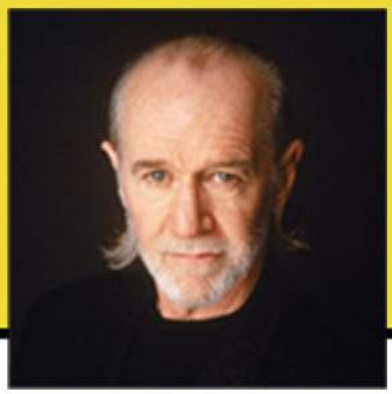
Uma viagem pela vida, obras e ideologia de um dos maiores nomes do humor e referência em análises e críticas sociais, políticas e econômicas do mundo.

Por Rafael Farah

A CRASE não poderia começar a sua longa vida sem mencionar um dos maiores nomes do humor no mundo. Richard Pryor? Não. Tom Cavalcante? Não mesmo. Esse gigante se chama George Carlin, que apesar de não ser tão conhecido na américa latina, presenteou o mundo com inúmeras hilárias e informativas apresentações durante 40 anos. George Denis Patrick Carlin, nascido em uma família de irlandeses católicos, crítico social, comediante e ateu incondicional usava do humor para criticar governos, sociedades, religiões e muito mais, ou para expôr coisas simples como nossas similaridades (que são muitas), agradando alguns e desagradando outros mas sempre chocando e transmitindo sua mensagem. Seu intuito era fazernos pensar sobre coisas que a muito deixamos de considerar, questionar realidades que nos são impostas e constituir opiniões próprias. Carlin constantemente falava de religião e política e, apesar de sua visão ser um tanto misantrópica e niilista, o fato é que muito do que ele falava não era nada além da verdade.

Sem medo de se expôr à riscos, Carlin foi indiciado inúmeras vezes por uma de suas apresentações chamada *Seven Words You Can Never Say On Television* e preso ao responder com a

1980-2008



> “... Esse presente que nos foi dado, esse grande e lindo cérebro e, o que fazemos com isso? Todos querem um espremedor de saladas, tênis com luzes e jaquetas com foto do Michael Jordan...”

seguinte frase, um policial que antes de o o interrogar, pediu sua identificação: "Eu não acredito em identificações criadas pelo governo."

No decorrer de sua carreira, Carlin sofreu 3 ataques cardíacos até que no dia 22 de Junho de 2008, foi levado ao hospital Saint John's Health Center em Santa Monica, California com dores no peito. Ele morreu nesse mesmo dia, às 5:55 da tarde, o que provavelmente vai ser um prato feito pra os numerólogos e superticiosos de plantão (555, é o número de deus, se opondo ao 666 do diabo). Uma série de programas de renome como Saturday Night Live e Larry King Live dedicaram dias de tributos em homenagem ao titã da comédia.

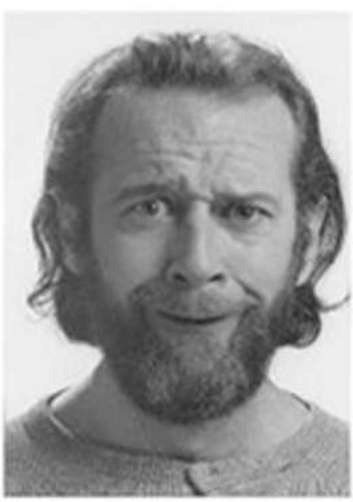
Carlin dizia não ter raiva dos seres humanos (apesar de parecer), dizia apenas estar desapontado com as escolhas feitas pelo homem. Citando-o em uma de suas muitas entrevistas: "Olha o presente que nos foi dado, esse grande e lindo cérebro e, o que fazemos com isso? Todos querem um espremedor de saladas, tênis com luzes e jaquetas com foto do Michael Jordan. Tudo são negócios. Religião nos arruinou. Essa crença de que existe um homem no céu, um homem invisível que está sempre de olho em você nos aleijou como pessoas.”

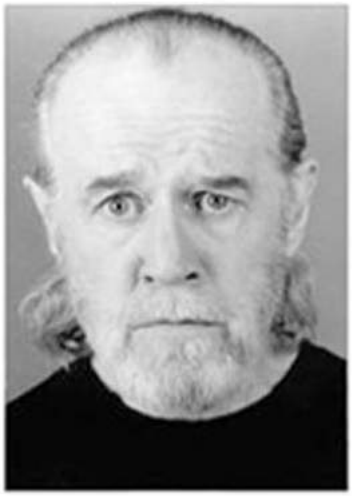
Em entrevista para a televisão americana, Carlin admitiu não ter uma relação tão boa com sua mãe em sua juventude, e que de fato nunca conheceu o pai, mas que aparentemente a habilidade de falar em público veio dos dois. De acordo com ele, ambos foram presenteados com uma incrível habilidade que os permitia sempre estar no centro de conversas. Irreverente como de costume, Carlin faz questão de dizer abertamente que sua mãe quase fez um aborto. Só não o fez porque teve uma "visão", já na sala de espera da clínica, de sua mãe em um quadro. Irônico, não? Carlin nasceu por algo que passou a vida inteira descreditando.

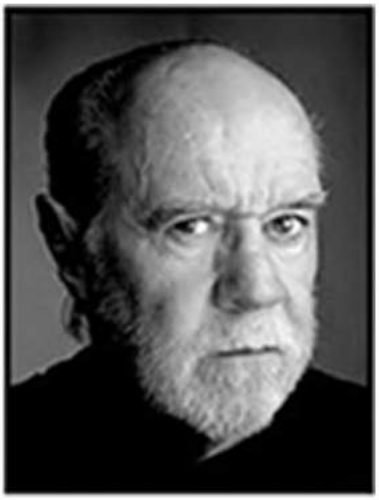
Sua mãe era constantemente definida como uma heroína por ele, por ter criado sozinha 2 meninos durante a depressão.

Em seus 40 anos de carreira, Carlin fez aparições em 16 filmes, como Bill e Ted Uma Aventura Fantástica, Dogma e Todo Mundo em Pânico 3. Participou como apresentador e como convidado de outros 16 programas de televisão como Saturday Night Live, - o qual Carlin apresentou a primeiríssima edição - e The Ed Sullivan Show. Isso sem contar com seus 14 especiais da HBO e 7 livros.

De seus livros, dois se destacam bem. *Brain Droppings*, de 1997, foi o "primeiro livro real" de Carlin. Muito do material de *Stand-Up* dele está nesse livro, cobrindo de piadas até alienação tóxica. Este livro ficou na lista de Best-sellers do New York Times durante 18 semanas. No ano seguinte foi lançada a edição de bolso, ficando na lista de Bestsellers por mais 20 semanas. "*When Will Jesus Bring The Pork Chops?*", de 2004, último livro escrito







por Carlin. Ele escolheu esse título por ofender 3 religiões diferentes (Cristianismo, Judaismo e Islamismo). No começo, o livro também foi banido de algumas lojas pela sua capa, que retrata a Santa Ceia de Da Vinci com Carlin sentado ao lado da cadeira vazia de Jesus. Muito desse livro está focalizado em eufemismos, como são usados em publicidade e em linguagem politicamente correta. É comum ouvir em suas entrevistas e apresentações que os líderes de governos usam de eufemismos para manter os povos entorpecidos, que as grandes corporações também os usam para mascarar males de seus produtos, ou que "linguagem politicamente correta" é apenas mais uma forma para estes mesmos líderes controlarem populações.

Seu quadro *Saving The Planet* é no mínimo esclarecedor quanto a nossa crescente preocupação com o planeta e, como hoje em dia existem pessoas que passam todos os dias inteiros preocupados com tudo. Em suas palavras, "nós não sabemos cuidar de nós mesmos e vamos tentar cuidar do planeta?" Acusando ambientalistas de terem seu próprio bem-estar como prioridade, dizendo que suas intenções são de terem um "habitat" para si próprios, um lugar limpo para viverem, que seus medos são que no futuro, algo possa vir a ser um inconveniente pessoal para eles. Carlin acredita e diz abertamente, irreverente como sempre que a Terra não vai a lugar algum. Nós vamos. "A Terra vai nos sacudir como um caso grave de pulgas." Ou seja, quem está em perigo não é o planeta, mas sim os seres humanos.

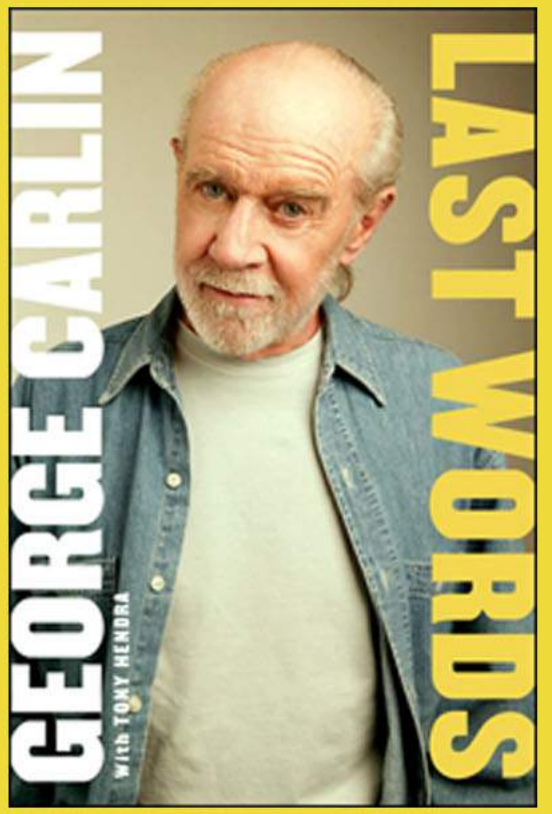
Para psicólogos, isso seria chamado de Projeção. Os seres humanos

refletem sua iminente ruína no planeta. Usando de muito sarcasmo e cinicismo, George faz uma relação entre vírus transmitidos sexualmente, com o poder da Terra de se defender como um grande organismo, impedindo os seres humanos de se reproduzirem e fazendo com que sejam suscetíveis a outros tipos de doença.

Neste mesmo quadro, Carlin cita que mais de 90% das espécies que já puseram os pés na Terra estão em extinção, desapareceram, e que independentemente de nossas ações, 25 espécies desaparecem todo dia. Para ele a tentativa de salvar espécies em extinção é apenas mais uma forma de tentarmos controlar a natureza.

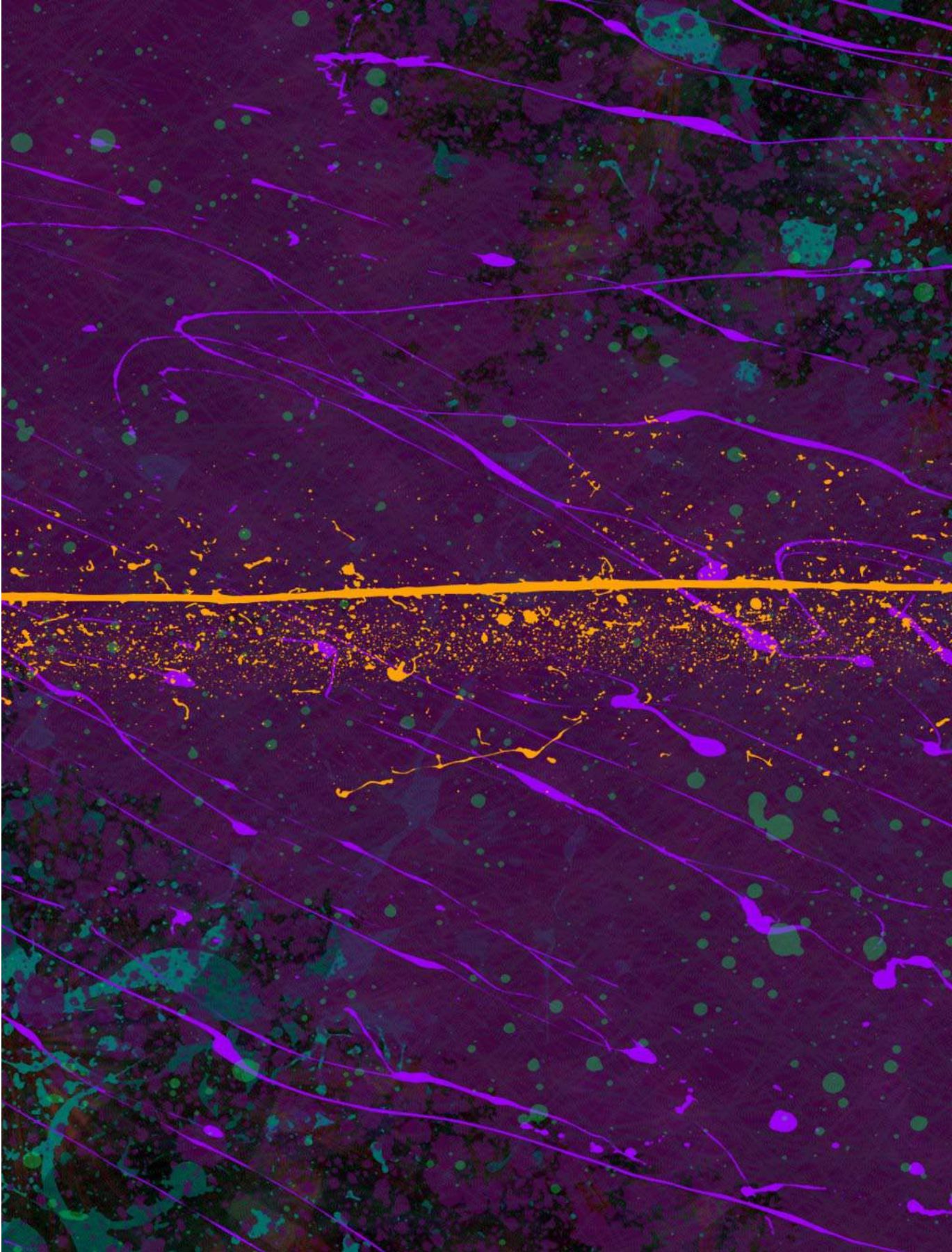
Esse é somente um dos muitos quadros em que ele critica não só as ações dos líderes como as de cada indivíduo. Como a nossa mania de grandeza, de controlar tudo continua sendo uma dos nossas maiores inimigas. Esse é o melhor exemplo da ideologia de Carlin.

Infelizmente, hoje em dia é difícil alguém realmente ponderar sobre o que é tido como certo e errado. O pensamento individual deu lugar ao (in)consciente coletivo. Mas podemos sonhar, não podemos? Assim como Carlin fez, à sua maneira, todos deveríamos ter como meta profissional preencher esse vácuo cultural promovido por uma veiculação superficial de informação. Em uma era em que temos os recursos para uma troca livre e virtualmente infinita de informações, essa mesma troca é surpreendentemente controlada.



Memórias de George Carlin
Escrito por George e Tony Hendra.

Last Words é o resultado da incomum história da vida de Carlin, literalmente desde seu nascimento até seus últimos anos e um presente de despedida para o mundo da comédia que ele ajudou a construir.



Kelly Carlin-McCall é nada menos que a filha de George Carlin, o que a levou a viver uma vida não-convencional mas criativamente enriquecedora. Kelly é escritora, professora e entrevistadora. Em uma entrevista concedida especialmente para a edição de estréia da revista Crase, Kelly fala sobre a vida de George e seu legado.

Revista Crase - Como foi crescer tendo George Carlin como pai? Como a personalidade dele serviu como influência?

Kelly Carlin - Essa é uma pergunta gigantesca! No geral, meu pai era um pai amoroso e divertido, não era muito presente porque seu trabalho o levava para a estrada com grande freqüência e o seu (e também da minha mãe) abuso das drogas o fez inacessível por anos. Ele era indulgente de várias formas. Ele sempre quis ter certeza de que eu entendia o mundo a minha volta, especialmente a dinâmica de como as pessoas no poder gostam de oprimir aqueles com menos recursos.

Ele me influenciou de várias formas: minha habilidade de fazer os outros rirem, minha inclinação política, minha curiosidade sobre o universo e o mistério da vida, sempre respeitando as pessoas e sendo gentil com todos.

RC - Aos seus olhos, qual era o trabalho do seu pai?

KC - Fazer as pessoas rirem, pensarem e aprenderem a ver os fatos de um ponto de vista diferente.

RC - Como um mestre da comédia, George entreteve muitas pessoas. Como essa característica cômica era presente na vida da sua família?

KC - Ele não era uma pessoa que estava sempre "ligada". Mas nós nos divertimos bastante pela casa - fazendo vozes, sotaques, coisas bobas como essas. Porém, ele odiava a pressão para ser o cara engraçado da sala.

RC - Alguma vez você e/ou sua família tiveram que lidar com algum tipo de violência de pessoas insatisfeitas com as opiniões de George?
KC - Claro, meu pai foi ameaçado várias vezes. Na maioria das vezes eram cristãos condenando-o ao inferno. Meu pai chegou a ter uma pessoa que o perseguia, era muito estranho.

RC - Como você mantém vivo o trabalho do seu pai?
KC - Nos últimos anos, eu estive mais envolvida com alguns tributos - The Mark Twain Prize e o New York Public Library tribute - e fazendo amizades com comediantes e fãs que querem manter a tocha viva.

RC - George admitiu abertamente seus problemas com as drogas. Este fato poderia ser considerado negativo na carreira dele?
KC - Eu acho que, como tudo no mundo, existe uma maneira de ter certas coisas em sua vida sem deixá-las te dominarem por completo. Nos anos 70 e 80, parte da vida do meu pai foi dominada pelo uso de drogas. Contudo, o fato de que ele largou LSD no final dos anos 60 mudou sua vida para melhor - isso literalmente expandiu sua mente e o conceito de si próprio e lhe deu a liberdade de comandar as suas apresentações sóbrias e caminhar em direção a comédia, o que acabou consagrando-o.

> “...existe uma maneira de ter certas coisas em sua vida sem deixá-las te dominarem por completo.”

RC - George alguma vez mencionou qual teria sido seu trabalho mais desafiante? Ele disse o motivo?
KC – Eu acredito que trabalhar em Las Vegas. Ele odiava a cidade e as audiências de lá, pois eles não faziam parte do seu núcleo de fãs. Eles queriam *Hippie Dipppie Weatherman* e ele os dava rotinas sobre auto-asfixia. [risos]

RC - Em seu último livro *Last Words*, George mostrou sua vida íntima em detalhes. Você teria algo para compartilhar?
KC - Ele era muito gentil e generoso. Ele se dava ao trabalho de conversar com comediantes sobre seus trabalhos e os processos deles. Ele amava seus fãs e sempre tirava um tempo para eles. Se importava sempre com o sem-teto na esquina. Ele tinha um coração gigantesco.

Uma revista pra quem faz a diferença.

CRASE

Alternativa é Rock!

Panorama do rock alternativo no Rio de Janeiro

Por Cadu Senra

Da Lapa à Zona Sul, da Barra à Zona Norte. O rock alternativo já se encontra em todos os cantos do nosso Rio de Janeiro. Como o nome já diz, o estilo é uma alternativa a tudo que já foi ruminado, mastigado e digerido pelo público sedento por rock n' roll. Inúmeras bandas surgem em cada esquina, todas cheias de inovações e gás em busca de expressar sua visão do mundo através da música (alguém aí se lembrou de algo parecido em Seattle?). Porém o movimento não para por aí, ele invade até mesmo as famosas "nights" cariocas, cada vez mais tomadas pelo movimento. Muitas casas, principalmente na Zona Sul, dedicam noites inteiras aos fãs do gênero, que se divertem ao som de bandas como; The Strokes, Franz Ferdinand, Arctic Monkeys e outros grupos estrangeiros já consagrados no meio. É verdade que quando se fala em um movimento de grandes massas, o mundo alternativo ainda se mostra um pouco tímido, porém, quando o assunto é a fidelidade de seu público, fica claro que a tendência é o crescimento.

A denominação "rock alternativo" surgiu em meados dos anos 80, devido à dificuldade encontrada de encaixar muitas produções da época em um estilo pré-existente. O punk, o brit-pop, o indie-rock, o grunge e até mesmo um pouco do eletrônico, podem ser considerados como seus estilos base. No entanto, muitos outros fatores podem influenciar seu som e sua atitude. Juntando os fatos, qualquer etiquetamento se torna sem sentido, e até certo ponto, injusto. A característica básica e dominante é a miscigenação de estilos, que na maioria das vezes, tem muito da cultura Folk (folclórica) de cada país ou região. Isso se torna evidente em bandas como Los Hermanos, uma das pioneiras por aqui, que pega um pouco do samba carioca, chacoalha com os metais, que em certas músicas soam até latinos e, transforma seu som em uma salada de Rock n' Roll, Salsa e MPB. Outras bandas brasucas seguem a receita com muito sucesso.

Cena Carioca

Nas terras da Guanabara, poucos são os festivais que privilegiam o estilo e adjacentes. Em sua maioria são iniciativas de organizações independentes, como o Grupo Matriz, dono de várias casas do cenário carioca, que promove a versão Rio do festival pernambucano "Abril Pro Rock", e o "Duelo do Saloon", realizado na casa noturna temática de Botafogo, Saloon 79. Outra iniciativa louvável capaz de alavancar as bandas daqui é a da revista Laboratório Pop, que organiza as eliminatórias cariocas do Mada, concorrido festival da cidade de Natal que serve de vitrine para muitas bandas novas.

Infelizmente, o incentivo às bandas ainda não condiz com a sede de seus seguidores e, tão pouco, com a capacidade de seus artistas. Não é só de talento e atitude que se vive um movimento. Sem os recursos e oportunidades dignas de sua grandeza, esse bem cultural ficará sempre relegado a um mundo semi-underground. Portanto, para alçar voos mais altos é necessário colocar a boca no trombone e usar toda essa atitude para reivindicar o devido reconhecimento.

Na visão dos músicos, o que falta para as bandas nascentes acharem seu lugar ao sol é uma mudança na atual estrutura dos festivais que rolam pela

cidade, que em sua maioria são eliminatórios. Alex Favilla da banda Neon Touché, acredita que *"o formato usado nos festivais atuais acaba incentivando a competição entre as bandas, e não o que deveria ser o verdadeiro foco, a simples exposição de seus trabalhos"*.

Além disso, o fato de um dos critérios de avaliação ser o voto popular é muito contraditório, dado que todas as competidoras são bandas novas. Ou seja, possuem um público quase exclusivo de amigos e familiares que se veem forçados a comparecer a todas as fases para que a banda possa prosseguir na competição. Tal artifício é usado para garantir uma boa bilheteria (pois cada banda leva seu público, que na maioria das vezes assiste apenas ao show da mesma), sem esvaziar os cofres com divulgação. Entretanto, essa prática se torna prejudicial às bandas por não favorecer o crescimento de um público novo.

Caberia então, às produções dos eventos capricharem mais no investimento com publicidade, já não há gasto algum para contratar bandas novas que, no processo atual, pagam para tocar. Talvez dessa forma, à curto prazo tenhamos sim, um movimento de grandes massas. A partir daí, não lembraríamos apenas algo "parecido" com Seattle, mas seríamos sua substituta.

Como tudo, ou quase tudo, aqui no reino tupiniquim: Não falta talento, mas boa fé, planejamento e organização.

CRASE
RECOMENDA

Banda de Rock experimental do Brooklyn, New York, que se tornou conhecida pelas suas perfomances ao vivo que costumam incluir um visual hippie - psicodélico. Em Fevereiro desse ano a banda lançou seu segundo álbum, "Odd Blood".

Singles que valem a pena ouvir: 2080 e Ambling Alp
Myspace: http://www.myspace.com/Yesasayer

MIIKE SNOW
Indie pop, Electropop

Singles:
Silvia, Animal, Black And Blue

YELLOW6
Ambiente, Minimalista

Álbum destaque:
Painted Sky (2007)

Falar Sobre Política

Por Emílio Farah

Para falarmos sobre política, hoje em dia, não há como afastarmos a paixão. É o que acontece com qualquer cidadão consciente. Infelizmente o autocontrole nem sempre vem acudir tais indivíduos, e com a sutileza inerente ao ser humano, os mesmos saltam da cadeira tais quais uns "mamutes enfurecidos". Vivemos hoje uma excessiva polarização nos centros urbanos no que diz respeito à política nacional, e, concomitantemente, ao nosso presidente eleito. Do amor incondicional ao ódio profundo.

Em nosso caldo cultural valorizamos o envolvimento passional, assim temos o péssimo habito de endeusar ou demonizar nossas lideranças, afastando-as das fraquezas mundanas. Já tivemos vários exemplos: Getulio Vargas, carrasco para uns, herói popular para outros; Juscelino Kubtcheck, de visionário à mercenário; Fernando Collor, de mocinho a bandido. São inúmeros exemplos, dos quais por certo, encontra-se Luiz Inácio "Lula" da Silva, carismático, populista, estadista coerente, ignorante presunçoso, líder internacional, vassalo das ditaduras do terceiro mundo, e por aí vão, cada vez mais incisivos, os elogios.

Sob esta ótica divergimos abertamente das culturas anglo-saxônicas, pragmáticas, onde não há ódios ou paixões extremadas, apenas uma postura empírica quanto à solução imediata do que o cidadão entende por problema, o que resulta, muitas vezes, que a rejeição política extrapola diretamente para a eliminação física (assassinato de políticos).

Mas de volta à peculiar polarização que ocorre nos centros urbanos. Porque peculiar? Explico tal ponto de vista, no fato de que, a grosso modo, nossa paixão urbana é alimentada exclusivamente por editoriais e informativos da mídia jornalística, isto é, nossas opiniões, nossas paixões, não vem de nossa experiência, mas, incoe-

rentemente, da aceitação incondicional do que nos é apresentado por terceiros.

Já nas áreas menos urbanas, ocorre o oposto, o contato físico e a constatação dos fatos dá-se de maneira direta, o que permite ao cidadão a formação de uma opinião própria, realística e factual. Nos centros urbanos somos alimentados diariamente por informações televisivas, jornalísticas, sem qualquer aproximação com os fatos reais. Quem dos leitores desta crônica (se é que existem) teve o trabalho, ou perda de tempo para alguns, de ir ao local onde tivesse ocorrido alguma situação de grande repercussão para obter informações diretamente dos que a vivenciaram? Um exemplo: as obras do PAC nas favelas. Quando alguém se propôs a ir em algum destes lugares discutir com os moradores sobre a validade, a viabilidade ou a utilidade daquela política social. Quando muito opinamos em pesquisas dirigidas sem qualquer vivência do assunto, como a que foi proposta pelo jornal Globo On Line, que abriu uma consulta/pesquisa sobre o PAC em uma comunidade no Rio de Janeiro a toda a população da cidade. Quem sou eu para opinar se não moro no local e, o pior, se em momento algum me propus a visitá-lo?

Pois então, como entender tanta paixão nas discussões políticas travadas pelas populações dos centros urbanos, como aceitar o apontar acusatório do dedo, o dar de ombros da rejeição dos apelos dos necessitados, este sob o argumento comum e hipócrita de que "ele vai gastar tudo em bebida ou drogas".

Menosprezamos, julgamos, condenamos, eliminamos condutas das quais nem sequer sabemos a origem ou o motivo. Resumindo, usufruímos do bônus da sociedade democrática, mas afastamos o ônus que advém desta mesma democracia. Queremos o poder de condenar sem o dever de conhecer.

A VIDA EM 3D

Qual de nós nunca sonhou em viver, mesmo que por um momento, em outra realidade?

Por Dans Souza

Existem três coisas as quais o homem tenta viabilizar desde que sonhou pela primeira vez. São elas: Voar, viajar no tempo e a imortalidade. Falar sobre isso há cinquenta anos atrás era considerado loucura e, hoje sabemos que a inviabilidade é apenas mais uma palavra para "inimaginável". Enquanto elas não chegam ou se tornam uma possibilidade para nós meros mortais, contentemo-nos com tecnologias ultrapassadas, recicladas.

Ultimamente o brinquedo tecnológico que está em maior destaque é o de criar e viver uma realidade tridimensional, mais uma vez mostrando a necessidade do homem de viver uma realidade diferente da sua. Infelizmente, o caminho para o aperfeiçoamento desta possibilidade ainda é longo e tortuoso. Isso porque essa tecnologia é baseada em ilusões de ótica tão antigas que o seu atual sucesso é um mero embelezado disfarce de evolução.

Filmar em 3D hoje é sem dúvida mais barato do que há vinte anos mas suas técnicas continuam com a necessidade de óculos especiais que utilizam sistemas antigos:

Anáglifo: óculos de duas cores;
Polarização: o mais comum nas salas de cinema e consiste na utilização de uma luz polarizada para separar as imagens da esquerda e da direita;
Alternativo: as imagens da esquerda para a direita se apresentam alternadamente, de forma que cada olho vê somente sua imagem correspondente, são também conhecidos como ativos e são os que virão com a televisão.

Entretanto, além de inúmeros problemas como tontura, enjoo e taquicardia, o uso dessa tecnologia trará a necessidade de ter um oftalmologista de prontidão em casa ou nas portas das salas. Isso acontece porque os óculos 3D desestabilizam os labirintos e a visão, alterando nossa percepção de tempo e espaço durante o filme. Agora imagine os que utilizam óculos de grau. Usar dois óculos ao mesmo tempo é acima de tudo desconfortável, sem mencionar a possibilidade de transmissão de conjuntivite.

Assim como no passado, essa tecnologia é um entretenimento de sucesso em propaganda pois baseia-se em um dos desejos mais antigos da sociedade. No entanto, as opções são limitadas, assim tornando-a repetitiva e por fim cansativa.

EM BREVE EM 3D

JOGOS MORTAIS 7 | HARRY POTTER 7 PARTE 1 | LANTERNA VERDE | CAPITÃO AMÉRICA

O motivo da volta do 3D após dez anos é simples: O Combate à pirataria. Além da redução de downloads, as empresas ganham com a valorização dos ingressos e também dos direitos de reprodução em canais de televisão e *premiere*, pois uma vez que o filme tem uma boa bilheteria, o valor de reprodução do filme fica muito mais caro, repare que filmes grandes só passam em canais abertos sete ou oito anos após o lançamento e a sua desvalorização.

Estão em desenvolvimento lentes de contato com o sistema 3D. Ainda não é a solução, mas um dia chegaremos lá. A única solução definitiva para o 3D ficar de vez é o verdadeiro desenvolvimento de uma tecnologia onde os óculos 3D tornem-se obsoletos ou não prejudiquem a saúde. Infelizmente, uma solução definitiva provavelmente desvalorizaria (a longo prazo) as novas televisões e filmes 3D, tornando a alternativa inviável - ou inimaginável - para a indústria cinematográfica.

Baseado em fatos reais:

Você acredita que no centro da cidade do Rio de Janeiro, estavam vendendo DVDs piratas do filme Avatar em 3D junto com um par de óculos feito de papelão e papel machê?

CRASE

RECOMENDA

Camino (Espanha, 2008)

O filme é uma viagem de emoções inspirada na história verídica de uma criança de 11 anos que se depara com duas situações completamente novas na sua vida: a paixão e a morte.

Taxidermia (Hungria, 2006)

A história de três gerações, da Primeira Guerra Mundial, passando pela implantação do regime comunista, até os dias atuais. O avô é um soldado do exército sonhador, em busca do amor; o pai, um homem que vive das glórias do passado que almeja desesperadamente o sucesso; o filho, um taxidermista na trilha da imortalidade. O roteiro parte de contos escritos por Lajos Parti Nagy, e a trilha sonora é assinada por Amon Tobin, que nasceu no Rio de Janeiro e pratica o trip-hop.

Fonte da Vida (EUA, 2006)

Do aclamado diretor Darren Aronofsky, 'Fonte da vida' é uma odisséia sobre amor, morte e espiritualidade, contada por meio de três histórias paralelas em que sobressai a luta de um homem para salvar seu grande amor.

AGENDA CULTURAL

Workshops

Palestra para escritores

O escritor e jornalista João Pedro Roriz ministrará workshop para escritores na Biblioteca Municipal de Botafogo. A palestra terá como tema a criação literária através da função poética. Na prática, o escritor abordará a importância da interpretação das imagens para a produção literária e abordará assuntos unívocos à literatura, como a Física Quântica e a Semiologia.

Biblioteca Municipal de Botafogo
21 de agosto às 14 h
Rua Farani, 53
tel.: (21) 2551-2449

Exposições

NOVÍSSIMOS 2010

A Galeria de Arte Ibeu inaugurou a exposição "Novíssimos 2010". Criado em 1962 pelo crítico de arte Marc Berkowitz, o Salão de Artes Visuais Novíssimos tem como objetivo reconhecer e estimular a produção de "novos" artistas e apresentar o que vem sendo produzido no campo da arte contemporânea.

Galeria de Arte Ibeu
29 de julho a
27 de agosto
13h às 19h (seg. a sex.)
Avenida N. Sra. de Copacabana, 690
2º andar

Se a pintura morreu o MAM é um céu!

Com 33 obras de Daniel Senise, Luiz Zerbini, Adriana Varejão, Jarbas Lopes, Eduardo Berliner e Gustavo Speridião, a mostra discute os caminhos que a pintura brasileira vem percorrendo nos últimos 30 anos.

MAM
Até 15 de agosto
12h às 18h (seg. a sex.)
12h às 19h (sáb. e dom.)
Avenida Infante Dom Henrique, 85
tel.: (21) 2240-4944

Teatro

As Mulheres da Rua 23

Baseado no teatro do absurdo, a peça começa com duas mulheres e um banco de praça em um lugar denominado "Rua 23". Cheio de regras e normas criadas por seus frequentadores lá se encontram para trocarem confidências e fatos de suas vidas. Através de diálogos recheados de humor e de personagens, vai se descobrindo o motivo da permanência de ambas naquele lugar.

Candido Mendes
2 de agosto a
29 de setembro
às 21h (ter. e qua.)
Rua Joana Angélica, 63
Ipanema
tel.:(21) 2267-7295

Festival Literário

VIII FLIP Feira Literária Internacional

Maior feira literária do país, com a presença de inúmeros excelentes autores. De palestras a shows, a Flip é parada obrigatória para todos os que apreciam a palavra escrita.

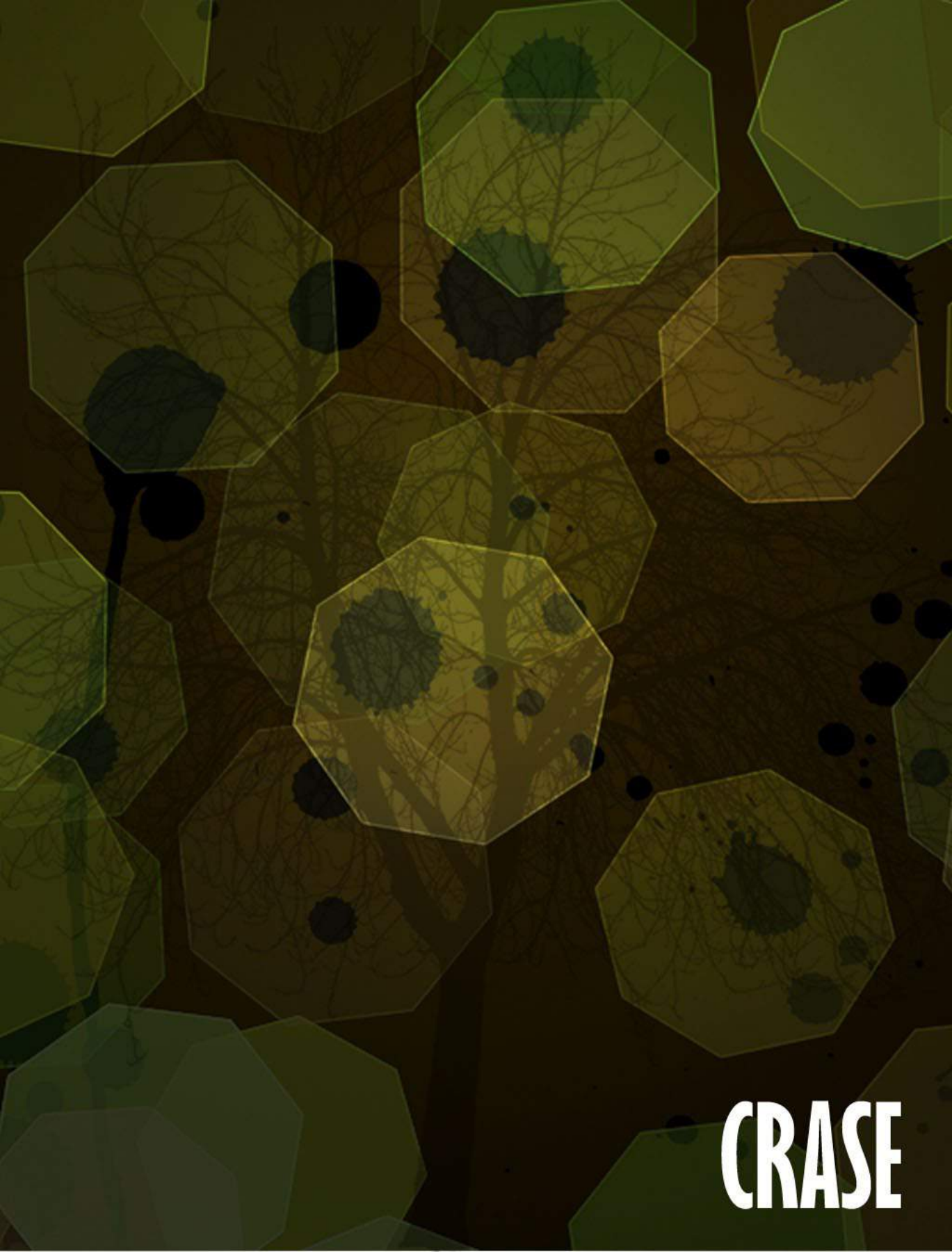
Paraty
4 a 8 de agosto
Mais informações:
www.flip.org.br

Cinema

PBC Produção Brasileira Contemporânea

Em agosto a Cinemateca apresenta uma retrospectiva do cinema brasileiro contemporâneo. A mostra apresenta filmes recentes majoritariamente do século XXI, constituindo uma oportunidade para o público de uma revisão dessas obras, ou um primeiro contato para aqueles que não puderam assisti-los na ocasião.

Cinemateca do MAM
Avenida Infante
Dom Henrique, 85
Programação:
www.mamrio.org.br


CRASE